

Uma pedagoga no circo: percepções docentes

A pedagogue in the circus: teaching perceptions

Isabel Drumond Barros de Oliveira¹

Alcione Alves Ferreira Fragas²

Dra. Joyce Lucerna Amaral³

Resumo:

A presente pesquisa tem como objetivo compreender como o conhecimento em Pedagogia contribui para o ensino de circo nas aulas de crianças entre um e quatro anos de idade, em um contexto de educação não-formal. Para isso, foi realizado um estudo de caso exploratório com uma pedagoga professora de circo, utilizando como instrumento de investigação entrevista semiestruturada e observação das aulas de circo da pedagoga. O artigo apresenta as metodologias de ensino utilizadas pela professora, suas referências e particularidades que considera no seu trabalho com crianças pequenas nas aulas de circo. Desse modo, foi possível perceber que o conhecimento em Pedagogia auxilia no planejamento, execução e avaliação do conteúdo do circo, favorecendo o desenvolvimento integral das crianças na faixa etária observada.

Palavras-chave: Pedagogia; Circo; Criança; Desenvolvimento Infantil; Educação.

ABSTRACT:

The present research aims to understand how knowledge in Pedagogy contributes to the teaching of circus in the classes of children between one and four years of age in a context of non-formal education. For this, an exploratory case study was carried out with a circus teacher pedagogue, using as a research instrument a semi-structured interview and the

¹ Possui graduação em Pedagogia pela Universidade do Estado de Minas Gerais (2024). Atualmente é Professor de Educação Básica - PEB 1 da Cemei Professor Orlando Diniz. Tem experiência na área de Educação.

² Possui graduação em Pedagogia pela Universidade do Estado de Minas Gerais (2024).

³ Doutora em Educação pela Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais (FaE/UFGM). Mestre em Educação (Ciências da Educação com ênfase em Supervisão Pedagógica) pela Universidade Técnica de Lisboa - Portugal (2007), mestrado reconhecido no Brasil pela Faculdade de Educação / UFGM (2008). Especialista em Psicologia da Educação com ênfase em Psicopedagogia preventiva pela Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (2005). Licenciada e bacharel em Educação Física pela Universidade Federal de Minas Gerais (2000). Professora efetiva da Universidade do Estado de Minas Gerais (UEMG) no curso de Pedagogia na Faculdade de Educação em Belo Horizonte.

observation of the pedagogue's circus classes. The article presents the teaching methodologies used by the teacher, her references and differentials that she considers in her work with young children in circus classes. Thus, it was possible to perceive that the knowledge in Pedagogy helps in the planning, execution and evaluation of the content of the circus, favoring the integral development of young children.

Keywords: Pedagogy; Circus; Child; Child Development; Education.

Introdução

A Pedagogia é uma área de conhecimento e de formação acadêmica que oferece, entre outros aspectos, um “conjunto de meios empregados pelo professor para atingir seus objetivos no âmbito das interações educativas com os alunos” (TARDIF, 2011, p. 117). Ela abrange tanto a educação formal, desenvolvida em sistemas de ensino, como escolas e universidades; quanto a educação não-formal, que ocorre fora desses sistemas. Como exemplos existem os projetos sociais e organizações não governamentais. Ambas possibilitam diversas práticas docentes e, mesmo a educação não-formal, possui intencionalidade em sua ação “pois prevê troca de conhecimento, envolve um processo interativo de ensino e aprendizagem e corrobora com a construção de aprendizagens de saberes coletivos, que, por sua vez, não tem a formalidade do ensino regular” (PIROZZI, 2014, p. 36). Sendo assim, as escolas de circo, definidas como “um estabelecimento ou iniciativa que [...] ministra aulas de algumas técnicas circenses regularmente” (SILVA, 2016, p. 15-16) são consideradas ambientes de educação não-formal. Nestes locais, o processo de ensino-aprendizagem, indispensável em qualquer prática educativa, é uma característica em comum com a Pedagogia.

Antes da criação destas escolas, no circo tradicional, os ensinamentos eram passados oralmente, de forma detalhada, de geração em geração (BORTOLETO, 2008). Cada família se encarregava de ensinar aos/às seus/suas jovens sobre as apresentações, a organização e o funcionamento do circo itinerante. Desse modo, o objetivo de ensinar da arte circense, era o de manter a cultura e a tradição viva por meio de um processo educativo (OLIVEIRA, 2016, p. 64). Para Bortoletto (2008, p. 193) “havia (e há ainda) toda uma metodologia de ensino/aprendizagem que garantia a formação de profissionais circenses”.

No entanto, a forma de se ensinar o circo, mudou ao longo dos anos, sendo possível estabelecer novas metodologias e objetivos de ensino. Um exemplo é que, a partir da criação das escolas de circo pelos artistas tradicionais (DUPRAT, 2016), o ensino não se limitou somente às famílias circenses. As pessoas que não eram dessas famílias tiveram

curiosidade e interesse em aprender a arte circense, colaborando com a mudança de propósito. Como explica Silva (2016):

por um lado, a noção de coletividade, a disciplina e a necessidade de articulação entre os conhecimentos transmitidos – embora agora não mais voltados para a manutenção das atividades familiares – continuavam presentes na qualificação dos artistas circenses; por outro, diferentes propostas foram necessárias para atender a uma nova organização pedagógica de formação: a instituição escolar (SILVA, 2016, p. 14).

Atualmente no Brasil, ainda segundo Silva (2016, p. 15-16), “há uma centena de escolas de circo”. Entre estas escolas de formação circense há dois grupos distintos: o de “vivência” e o de “formação profissionalizante” (DUPRAT, 2016). O grupo de formação denominado “vivência” é constituído por elementos educativos e de lazer, sendo “um espaço que possibilita a aproximação com o circo, de exploração dos saberes elementares, de uma sensibilização lúdica, de uma vivência sutil das diversas modalidades circenses” (DUPRAT, 2016, p. 70). Já o grupo de “formação profissionalizante” é composto por famílias circenses, projetos sociais, cursos livres e escolas especializadas que busca o aprofundamento das técnicas circenses (DUPRAT, 2016).

Mesmo com a presença destas escolas, Duprat (2016) defende uma formação superior para os/as artistas circenses, o que ainda não existente no país, e que permita uma reflexão estética e técnica mais profunda por parte destes/as profissionais. O autor sugere que “o reconhecimento de um curso técnico ou superior seria possível por meio do convênio entre uma escola profissionalizante de circo e uma instituição de ensino tecnológico ou superior” (DUPRAT, 2016, p. 74). Isso demonstra a necessidade de se ampliar e aprimorar a formação em circo.

A vivência em uma escola de circo pode ser muito significativa para os/as participantes. Inclusive foi em função da experiência numa escola de circo, que uma das pesquisadoras, hoje pedagoga, se interessou pelo tema e mobilizou outras pesquisadoras durante o trabalho de conclusão de curso, a realizar esta pesquisa. Além disso, a temática do ensino do circo tem sido pouco analisada nos cursos de Pedagogia, a título de exemplo, na Faculdade de Educação, onde duas das pesquisadoras estudaram, foi encontrada somente três monografias com esta temática nos últimos trinta anos. De acordo com Silva (2016, p. 10) “observa-se que, desde o início do surgimento das escolas de circo, dos projetos de circo social e de outros espaços nos quais se ensina a linguagem circense, não há livros escritos sobre os saberes, especialmente sobre as questões pedagógicas”.

Desse modo, a partir do interesse pela temática e visando colaborar com estudos que relacionam as áreas de Circo e Pedagogia, o objetivo deste artigo é compreender como o conhecimento em Pedagogia contribui para o ensino de circo nas aulas de crianças entre um e quatro anos de idade em um contexto de educação não-formal. Para isso, realizou-se um estudo de caso com uma professora de circo formada em Pedagogia, utilizando como instrumento de pesquisa entrevista semiestruturada e observação⁴ de suas aulas numa escola de circo. Para a análise dos dados coletados, a entrevista foi transcrita e as observações registradas detalhadamente. Ambas foram analisadas por meio da metodologia de análise de conteúdo de Bardin (2016) considerando as categorias encontradas relacionadas com a pergunta de pesquisa. A seguir, apresenta-se a análise do estudo de caso.

1 Estudo de caso numa escola de circo

1.1 As aulas de circo de uma pedagoga: espaços e proposta

A escola de circo pesquisada possui como foco a “vivência” em circo. Ela se localiza em uma grande cidade, tendo iniciado suas atividades no ano de 2017 dentro de uma academia de ginástica. Com seu crescimento, ela ganha um espaço específico durante a pandemia no ano de 2021 e hoje atende desde o público infantil (a partir de um ano de idade) ao adulto, possuindo aproximadamente duzentos alunos. Os/as professores/as que atuam nesta escola adquiriram experiência em circo a partir de projetos sociais e por meio de aulas com o próprio dono da escola.

A professora de circo das crianças de um a quatro anos de idade se formou em Pedagogia numa universidade pública há cinco anos. Ela iniciou sua vivência com o circo aos nove anos de idade em um projeto social onde conheceu o dono da escola de circo na qual trabalha atualmente. Pelo seu relato, este trabalho é uma oportunidade que ela tem de relacionar Circo e Pedagogia, o que ainda não havia feito e que foi instigado pelo próprio dono da escola, tendo a escolhido para trabalhar com as crianças pequenas por ser pedagoga.

Além de sua vivência circense, a pedagoga realizou aulas de Ballet na sua adolescência e de Ginástica Artística durante a faculdade. Antes da sua graduação, ela

⁴ Esta pesquisa foi aprovada pelo Comitê de Ética e Pesquisa sob o número do parecer 6.896.011 e não foi produzida por um modelo generativo de linguagem / Inteligência Artificial.
SCIAS.Arte/Educação, Belo Horizonte, v.18, n.1, p.32-49, jan./jun.2026

trabalhou em um ambiente de reforço escolar onde se interessou pela docência. Durante e após o curso de Pedagogia acabou se desvinculando das atividades artísticas/circenses e trabalhou em escolas infantis e com a Educação de Jovens e Adultos. O interesse pelo circo retornou durante o seu mestrado em História da Educação, quando o proprietário da escola de circo a convidou para integrar sua equipe. Observa-se neste convite, a importância dada ao conhecimento em Pedagogia por parte do dono da escola de circo. Provavelmente pelo cuidado e conhecimento necessário para ensinar o circo para esta faixa etária.

Conforme a entrevistada, a proposta das aulas de circo com crianças mais novas sofreu diversas alterações ao longo do tempo. Isto porque era algo novo para ela e para a escola. Quando ela chegou à escola de circo, outra pessoa trabalhava com as crianças na época, com uma abordagem mais voltada para um reforço escolar do que para o ensino das artes circenses. Ela disse que “essa proposta era mais uma atividade escolar em um ambiente separado do galpão onde as crianças até traziam o dever de casa”.

A pedagoga, porém, percebeu que o ambiente da escola de circo estava muito mais preparado e relacionado com outros objetivos do que com a educação formal. Por isso ela disse que considerava que “o trabalho que estava sendo feito não estava fazendo sentido nesse espaço que é mais artístico. Foi nesse momento que eu trouxe o lúdico”. Assim, ela conversou com o dono da escola, que lhe deu liberdade para propor e colocar em prática novas ideias.

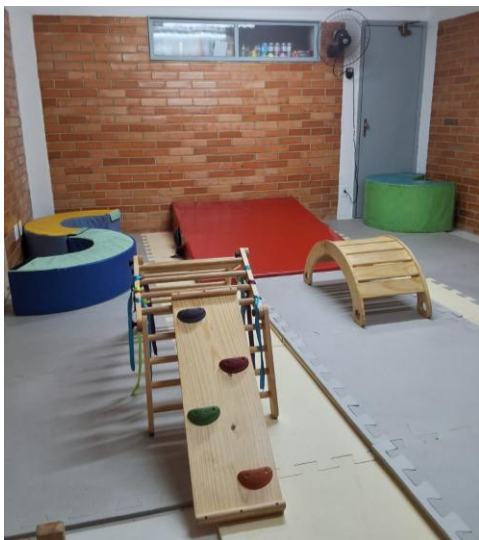
Esta nova proposta, sugerida pela pedagoga, levou em consideração seu objetivo de contribuir com o desenvolvimento motor das crianças, trabalhando também aspectos pedagógicos como cores, números, letras e formas geométricas, por meio do circo. Um exemplo é o uso de bolas coloridas para a atividade de malabares, aproveitando suas cores e quantidades. Ela disse: “a pessoa entra para fazer o circo, mas tem algumas coisas fundamentais para desenvolver, que são para a vida, para o seu desenvolvimento integral”. Além disso, outro objetivo é preparar os/as alunos/as para que possam progredir de nível na escola de circo, considerando seu desenvolvimento e habilidades. Para assim ter aulas com outros/as professores/as, que realizam atividades mais complexas.

Para viabilizar a sua proposta, a pedagoga, juntamente com a equipe de professores/as e gestores da escola, organizou as divisões das aulas e espaços em dias e horários específicos. Dessa forma, a escola de circo foi dividida entre espaços de aulas como o galpão (área maior) e uma sala (área menor) específica para aulas com as crianças mais novas. O galpão foi dividido em quatro espaços e um rodízio mensal do uso desses

espaços foi planejado de forma que todas as turmas pudessem utilizar todas as áreas de atividades e todos os materiais e aparelhos disponíveis. Foi possível perceber esta divisão em um momento em que a pedagoga utilizou um dos espaços para treinar com as crianças atividades no tecido acrobático. Enquanto isso, ao redor, outras turmas, de outras faixas etárias, utilizavam outros equipamentos, como trapézio e lira. A pedagoga planeja sua aula considerando este rodízio mensal.

Dentro da sala, específica para as aulas da pedagoga, é possível encontrar materiais para as crianças pequenas, como tatames, triângulo pikler, gangorra pikler, bolas coloridas, colchões em diversos formatos e cores, rola-rola adaptados para as crianças, pratos chineses para malabares, uma mesa sensorial com cadeiras da altura das crianças, grampos e prendedores de cabelo para treinar o movimento de pinça, entre outros conforme mostrado nas figuras a seguir.

Figuras 1 e 2 – Materiais da sala de circo



Fonte: Acervo das pesquisadoras

A partir das observações feitas, foi possível perceber que estes materiais são utilizados a depender do planejamento de cada aula. Eles proporcionam liberdade de movimentação e experimentação de forma lúdica para as crianças. Segundo Luckesi (1998) a ludicidade é uma forma de interação com o mundo que envolve prazer e que vai além do mero ato de brincar. Esta prática docente corrobora com o que Barros (2005) afirma que “a ludicidade em ambientes de educação não-formal permite que os indivíduos se engajem em processos de aprendizagem mais naturais e significativos” (BARROS, 2005, p. 87).

Neste espaço, por meio da ludicidade, a pedagoga realiza circuitos trabalhando o equilíbrio, a força e a noção corporal. Segundo ela,

a gente que estuda e sabe sobre a importância da musculatura do brincar. Então, para mim, correr, pular, saltar, rastejar são metas aqui na salinha. E desenvolver a coordenação motora das mãozinhas também. Às vezes o pai de uma criança fala 'ele tá comendo tão direitinho', mas é porque tá pegando com a colherzinha aqui na salinha e colocando areia no potinho, treinando a pinça... Então desenvolver essas habilidades traz muitos resultados. (Pedagoga entrevistada).

38

Por meio da fala da pedagoga é possível perceber que, o trabalho na salinha, tem como objetivo o desenvolvimento psicomotor. Como são crianças muito novas há a necessidade de, inicialmente, desenvolverem habilidades e noções básicas sobre o próprio corpo e o espaço. Durante as observações, foi possível perceber que as crianças que praticavam circo há mais tempo possuíam maior facilidade na realização das atividades. Os conhecimentos em Pedagogia, nesse caso, são utilizados correlacionados com a linguagem circense para atingir seus propósitos.

Na salinha, os elementos pedagógicos também possuem grande destaque, diferenciando-se de outras aulas de circo com crianças de outras faixas etárias. Como exemplo foi observada uma atividade realizada após o circuito para que as alunas pudessem descansar. Neste momento, as crianças (de 2 e 3 anos de idade) se sentaram nos tatames e observaram a explicação da professora sobre as formas geométricas presentes na caixa de encaixe. Esta caixa tem como objetivo colaborar com o entendimento das crianças sobre formas geométricas, exigindo que elas coloquem as figuras de madeiras no encaixe correspondente. Após a explicação da pedagoga, as alunas tentaram relacionar cores e formas, realizando o proposto. Tiveram um pouco de dificuldade com as formas geométricas (triângulo, quadrado, círculo, estrela e hexágono), apresentando mais facilidade com a relação de cores.

Para além disso, observou-se que a pedagoga possui algumas turmas com quantidades variadas de alunos/as, a depender de suas faixas etárias, para que possa ficar atenta a todos/as. Ela explicou que em aulas com crianças mais novas (de um ano até três anos de idade) as turmas têm no máximo três alunos/as, mas quando são mais velhas (a partir dos três anos de idade) é possível que sejam compostas por até cinco crianças. Por conta disso, a pedagoga, juntamente com a equipe de professores/as e gestores/as, nomeou estas turmas de "Circo Inicial", anteriormente chamada "Circo Baby" em função da SCIAS.Arte/Educação, v.18, n.1, p.32-49, jan./jun.2026

faixa etária dos/as alunos/as. Para que as crianças avancem de turma, a pedagoga avalia o desenvolvimento de cada uma em vez de considerar somente sua idade. Dessa forma, estabelece algumas habilidades a serem alcançadas, como o desenvolvimento do equilíbrio, da força, do controle corporal e até da respiração das crianças.

No ambiente nomeado galpão, são realizadas atividades mais focadas na aprendizagem do circo tais como: alongamentos, treinos no tecido acrobático, no trapézio, na lira, treinos com o rola-rola, uso do diabolô e dos latões para exercitar o equilíbrio.

Figura 3 – Galpão da escola de circo



Fonte: Acervo da escola de circo

Para a realização das atividades no galpão, a professora sai da sala com as crianças e vão juntas até o ambiente que contém os materiais e aparelhos a serem utilizados. Foi possível observar que nessa troca de espaço, às vezes, as crianças se distraem e seguem por um caminho diferente, ou até mesmo param para abraçar os familiares. A pedagoga não vê isso como um problema, até porque, os/as outros/as professores/as também ficam atentos ao que acontece ao redor, colaborando com a segurança de todos/as aluno/as.

Ao planejar suas aulas, a pedagoga costuma separar vinte minutos para atividades no galpão e trinta minutos para atividades na sala, às vezes a ordem dos espaços e o tempo variam. De acordo com a entrevistada, a utilização desses diferentes espaços colabora com o desenvolvimento integral das crianças, auxiliando em habilidades necessárias para atividades do dia a dia:

Tudo que eu faço aqui na salinha contribui para o aprendizado. Eu falo que o circo é para a vida porque, por exemplo, até isso de brincar aqui na salinha com a mãozinha, fortalecendo a mãozinha, ajuda para

jogar os malabares, para ter reflexo e até levar uma bolinha na colher, segurando por um tempo maior. (Pedagoga entrevistada).

Tais habilidades desenvolvidas colaboram com a escrita, com a noção de tempo, com a força e equilíbrio nas pernas para andar, correr, pular e até mesmo no desfralde. Isso pôde ser percebido quando ela cita o caso de uma aluna de três anos:

Desde pequenininha ela pula muito, se movimenta muito... A gente viu que ela foi desenvolvendo a musculatura, por isso o desfralde foi tão rápido, assim. Eu fiquei até emocionada porque a gente aprende na faculdade a importância de agachar, de rastejar, de firmar os pés... Ela mesma tirou a fralda em questão de dias. Ela já vai ao banheiro, já consegue segurar o xixi. (Pedagoga entrevistada).

40

Desse modo, as aulas ministradas pela pedagoga nos espaços da escola de circo não só desenvolvem suas capacidades motoras, como colaboram com atividades cotidianas das crianças. ONTANÓN (2016) disse sobre esta formação integral por meio do circo:

a diversidade que encontramos no universo circense, as características lúdicas de suas atividades e o potencial estético e artístico de suas modalidades são elementos que favorecem de modo singular a criatividade e a expressividade do educando, aspectos importantes para a formação humana integral (ONTANÓN, 2016, p. 136).

1.2 Contribuição da formação em Pedagogia para as aulas de circo

A partir das vivências educacionais e circenses da pedagoga, ela foi capaz de estabelecer objetivos e estratégias de ensino para suas aulas com as crianças mais novas. Suas experiências na escola em que trabalha permitiram que aperfeiçoasse cada vez mais a sua prática e que fosse capaz de relacionar circo com os conhecimentos em Pedagogia. Por isso, explicou alguns elementos que utiliza nas aulas de circo que atribui à sua formação em Pedagogia:

- Registro das aulas e do desenvolvimento individual dos alunos: Este registro é realizado constantemente com o objetivo de analisar a concretização da proposta, de traçar um diagnóstico sobre o desenvolvimento de cada aluno/a, relacionando

com sua faixa etária e de compreender se a criança já possui as habilidades necessárias para a passagem de turma;

- Planejamento das aulas: segundo ela, os planejamentos de suas aulas foram sofrendo muitas alterações a partir de experiências e discussões com a equipe de professores/as. De acordo com Vasconcellos (2002) planejar é tentar intervir nos acontecimentos futuros, o que exige conhecimento sobre o campo que se quer intervir. Entende-se que a pedagoga busca entender seu campo de trabalho, por isso considera importante suas anotações sobre o desenvolvimento das crianças, sobre o rodízio mensal do espaço disponível para suas aulas e sobre a variação de atividades realizadas. As noções de planejamento de aulas e de diagnósticos foram aprendidas em suas experiências docentes anteriores e em sua formação no curso de Pedagogia;
- Metodologia de pesquisa: de acordo com a pedagoga, este elemento foi apreendido principalmente no processo de pesquisa do seu mestrado. Ela explicou que pôde compreender como utilizar os conhecimentos adquiridos em sua formação continuada, de modo que seja possível transformar os estudos realizados em metodologias de ensino que sejam eficazes para sua prática. Como aponta Ontañón (2016, p. 141) “diante de cada novo desafio ou conteúdo, faz-se necessário buscar informações e dedicar tempo para aprender esse novo conteúdo com a seriedade que ele merece para poder realizar uma prática que possa ter um significado para o aluno”;
- Autores/as e estudos da área da Educação: ao ser questionada sobre suas inspirações na área da Pedagogia, a professora relatou que traz consigo ideias de Paulo Freire e princípios do método Montessori e da abordagem Pikler. Além disso, considera a educação positiva e o método pomodoro estratégias eficazes para manter o interesse e atenção das crianças. Foi percebido que as inspirações utilizadas pela professora vieram da sua graduação e a utilização do método pomodoro e da educação positiva foram trazidos de sua formação continuada. Estes conceitos serão mais bem abordados a seguir.

A experiência de lecionar na Educação de Jovens e Adultos possibilitou a pedagoga ver na prática a educação libertadora de Paulo Freire que a inspira em suas aulas de circo. Ela diz ser capaz de reconhecer os/as educandos/as como seres pensantes capazes de atuarem em seu processo de aprendizagem, e, por isso, acolhe a leitura de mundo do/a educando/a e estabelece um diálogo de respeito para com seus/suas alunos/as. Para Paulo

Freire, “somente quem escuta paciente e criticamente o outro, fala com ele, mesmo que, em certas condições, precise falar a ele” (FREIRE, 2018, p. 111).

Nas observações para esta pesquisa foi possível perceber este diálogo de respeito pelos/as educandos/as, em momentos em que ela notava a distração ou o cansaço das crianças. Quando isso ocorria, perguntava à criança sobre como ela estava se sentindo e oferecia opções de exercício que ela considerava que iriam agradar mais ou cansar menos os/as pequenos/as. Essa opção de escolha parece levar em consideração não só uma “escuta paciente” sugerida por Paulo Freire, mas também que a atividade da criança precisa ser impulsionada por suas vontades e não somente pelas vontades da professora (MONTESSORI, 1965).

Como alternativa a isso, ela também aplica o método pomodoro dizendo para as crianças tomarem água ou darem um abraço nos familiares que estão assistindo às aulas. Há algumas paredes de vidro na escola de circo e com isso as famílias conseguem assistir parte das aulas. Esta técnica é para as crianças relaxarem um pouco das atividades. Desenvolvido por Francesco Cirillo, o método pomodoro leva em conta o tempo de manutenção do foco, e por isso, consiste em alternar vinte e cinco minutos de foco com cinco minutos de descanso, possibilitando uma maior produtividade e um menor esgotamento físico e mental (CIRILLO, 2018).

O reconhecimento do nível de cansaço dos/as alunos/as é importante, pois “indica o limite físico e psicológico e pode gerar riscos, erros e falhas que podem comprometer a saúde dos participantes” (BOLOGNESI, 2016, p. 33). Com isso, há de se refletir sobre o tempo de aula para esta faixa etária e sobre a idade dos/as pequenos/as para estas atividades no circo.

Normalmente, ao final da aula, quando percebe que estão muito cansados/as, a pedagoga separa alguns minutos para que as crianças brinquem na mesa sensorial. Em uma observação feita, foi possível perceber que o brincar com a areia de modelar entusiasmou as alunas, que logo começaram a cantar juntas músicas que gostavam. Essa metodologia de ensino da pedagoga demonstra que

desenvolver trabalhos corporais implica no reconhecimento de que o corpo não está dissociado da mente, que o ser humano integra várias dimensões, compreendendo seus gestos, atitudes, posturas e reflexões que indicam formas de se relacionar consigo e com o mundo (CAMARGO; SOMME, 2016, p. 176).

Assim, a mesa da sala de circo é utilizada tanto como estratégia para o descanso, possibilitando que as crianças brinquem sentadas, quanto para o desenvolvimento de

SCIAS.Arte/Educação, v.18, n.1, p.32-49, jan./jun.2026

habilidades sensoriais. Neste local a professora utiliza outros materiais para o trabalho dos sentidos, tais como pinças de plástico, porca e parafuso de brinquedo para enroscar, se preocupando com uma graduação entre eles, compreendendo a importância de iniciar a educação dos sentidos na primeira infância como enfatizado na abordagem montessoriana (MONTESSORI, 1965).

Um exemplo observado foi na utilização de prendedores de cabelo de diversas cores e tamanhos, em que, em meio ao circuito, as crianças precisavam reconhecer a cor e encontrar em qual haste de madeira é possível encaixá-los. Assim, vê-se a influência desse método em suas aulas, o estímulo sensorial para Montessori ocorre nas atividades de vida diária das crianças como também “por meio de um material didático cientificamente organizado (encaixes sólidos, blocos geométricos, materiais para o exercício de tato, do senso cromático, dos ouvidos etc.)” (CAMBI, 1999, p. 531).

A pedagoga relatou que, apesar do medo de que as crianças se machuquem com as atividades circenses, ela tenta não cercá-las a todo momento. Algo que aprendeu com abordagem Pikler. Há o cuidado de não realizar as atividades perto das paredes e de utilizar materiais de qualidade como os que tem na escola de circo, o que confere segurança. Ela também relata se concentrar ao máximo nos/as alunos/as. Esta atenção na criança, acompanhando os seus movimentos e sua atitude nos momentos do brincar é também uma forma de conhecer os limites e a personalidade dos/as alunos/as, auxiliando na seleção de estímulos necessários para o aprimoramento de cada um/a. Neste sentido, “é preciso saber olhar para a criança à distância certa, e na proximidade da relação participativa” (GODALL, 2016, p. 82, tradução nossa).

Sabe-se que “crianças que se movimentam livre e sem restrições são mais cuidadosas e confiantes” (ALMEIDA; MELIM, 2019, p. 98), o que é interessante por ir à contramão da tendência atual em limitar os movimentos das crianças, seja por falta de espaços/tempos para o brincar, seja pelo medo de que se machuquem. Há, ainda, um fator a se considerar na educação da nova geração: o uso precoce de tecnologias digitais na infância. Este uso em excesso é nocivo, pois segundo Vieira, Schmitz e Cordova (2019) isso pode levar a problemas emocionais como ansiedade e depressão. De acordo com a pedagoga, a dificuldade em lidar com frustrações em função dessa era tecnológica, pode ser trabalhada no circo. Ela relata:

eu noto que hoje as crianças têm mais dificuldades com a frustração do que no nosso período. Eu não sei se é dessa era tecnológica, do acesso fácil e rápido a muitas informações, mas as crianças têm se

frustrado mais. Mas no circo você tem conquista todos os dias porque são desenvolvidas diversas habilidades. (Pedagoga entrevistada).

As práticas da pedagoga a partir da atenção e comunicação respeitosa com as crianças permitem que elas se desenvolvam em seu tempo dentro de um ambiente seguro e acolhedor. Afinal, “sem segurança afetiva, física, relacional, ambiental, a criança não consegue desdobrar seu potencial sozinha” (GODALL, 2016, p. 85, tradução nossa). Para a pedagoga, o mais importante é que saibam realizar os exercícios com segurança, pois, somente assim, é possível dar a elas o espaço e a liberdade que tanto necessitam.

Colaborando com essa movimentação livre e com o estabelecimento de um ambiente seguro, foi possível encontrar na sala um triângulo pikler e uma gangorra pikler. Cada equipamento desenvolve uma função educativa, como aborda Roso (2016), e pode ser utilizado de diversas formas diferentes, pois são imprescindíveis para incentivar o desenvolvimento da musculatura dos bebês e crianças pequenas. Foi observado, por exemplo, que a gangorra pikler pode auxiliar no equilíbrio das crianças, utilizada de forma a simular a movimentação realizada no rola-rola do circo.

Dessa forma, a interdisciplinaridade entre os elementos pedagógicos manuais e o desenvolvimento de habilidades motoras amplas dialogam, dando objetividade e sentido para o ensino de circo realizado. Segundo a entrevistada,

é o que eu sempre falo com os outros professores: tem que fazer sentido para as crianças. Quando elas entram aqui, nada está fazendo sentido para elas. Não entendem os instrumentos utilizados, o espaço, a rotina... Então eu coloco como um dos objetivos desenvolver a noção de tempo. Porque chega uma criança de um, dois, três anos de idade e não tem noção nenhuma. O ‘iê’, por exemplo, é uma brincadeira que é fundamental para entender que a aula acabou. Porque se a gente só finalizar a aula, ‘acabou, tchau’, não ia ter sentido. No início o alongamento, depois no meio as atividades... E aí você já dá uma noção de início, meio e fim, e já começa a fazer sentido. (Pedagoga entrevistada).

O exemplo apresentado, chamado de “iê” é comum nas aulas de circo de crianças, sendo possível observar um trabalho em grupo. Na brincadeira, a turma se junta com a professora, fazem uma roda e colocam as mãos no centro. Então, jogando as mãos para cima e todas juntas, gritam bem alto “iê” e se despedem. Assim, é possível compreender que dinâmicas lúdicas como esta, colaboram com a socialização e com a livre expressão das emoções ao

permitir à criança realizar ações que ainda não domina (BORTOLETO; PINHEIRO; PRODÓCIMO, 2011).

Desse modo, “as atividades circenses podem consistir em efetiva estratégia pedagógica para que as crianças sejam estimuladas em seus aspectos motores, cognitivos, sociais, afetivos e sociais” (MARCO, 2016, p. 203 e 204). Tais características foram relatadas pela pedagoga durante a entrevista:

a aprendizagem do circo é uma contribuição fundamental para vida. Saber direita e esquerda, desenvolvimento corporal, de força, da paciência, social, noção de início ao fim, autoestima... Eu acho que contribui muito pra vida. Assim, como contribuiu muito para a minha vida, pois comecei novinha. E você tem um objetivo desde pequeno. (Pedagoga entrevistada).

A docência, independentemente de sua área de atuação, é cercada de desafios e processos contínuos de aprendizagem. Não basta conhecer o conteúdo a ensinar, é necessário saber como ensinar. Neste sentido, o conhecimento em Pedagogia se tornou um diferencial na visão da pedagoga. De acordo com Shulman (2014), o conhecimento pedagógico do conteúdo, que é exclusivo dos/as professores/as é capaz de identificar os corpos de conhecimento necessários para ensinar. Para o autor, este conhecimento é essencial para o processo de ensino-aprendizagem, pois

representa a combinação de conteúdo e pedagogia no entendimento de como tópicos específicos, problemas ou questões são organizados, representados e adaptados para os diversos interesses e aptidões dos alunos, apresentados no processo educacional. (SHULMAN, 2014, p. 207).

Por isso o conhecimento pedagógico se difere do especialista, possibilitando outras visões sobre o ensino. Como afirma a pedagoga entrevistada: “se eu não tivesse feito o curso de Pedagogia eu não conseguiria entender o aluno como um ser que consegue, como um ser cheio de particularidades e vontades”. E continua dizendo que “a Pedagogia tem a sua importância, de entender que cada aluno tem seu tempo, que nenhum aluno é igual... E que você não precisa ser rígido. Eu não acredito que trazer o castigo e a rigidez faça o aluno melhorar”. Por isso, gosta também de utilizar a Educação positiva, considerada uma abordagem educativa que, a partir da Psicologia positiva, visa o desenvolvimento cognitivo, emocional e social, desenvolvendo um ambiente que valorize o crescimento pessoal (LEMME; DEL PRETTE; DEL PRETTE, 2016). A partir desse entendimento, para a pedagoga, é possível estabelecer limites ao mesmo tempo em que incentiva a liberdade e

SCIAS.Arte/Educação, Belo Horizonte, v.18, n.1, p.32-49, jan./jun.2026

autonomia das crianças. Assim ela cria um ambiente com maior flexibilidade e atenção com relação a cada aluno/a, levando ao seguinte relato: “aqui sinto que sou mais livre para aplicar a Pedagogia!”.

Considerações finais

Após a realização deste estudo de caso, foi possível perceber que a metodologia de ensino utilizada pela professora de circo pode favorecer a aprendizagem, o desenvolvimento e a segurança das crianças pequenas nas atividades circenses. O que não significa dizer que é preciso ter formação em Pedagogia para ministrar aulas de circo, e nem mesmo dizer que os conhecimentos pedagógicos por ela adquiridos foram limitados à sua graduação. Afinal, ela expande seus estudos por meio de formação continuada, suas experiências no circo e experimentos em aula. O que ressalta a importância que o/a docente esteja em constante formação e busque por atualizações e reflexões em sua prática.

Considerando a faixa etária das crianças e as habilidades a serem desenvolvidas, a pedagoga compreendeu que é possível colaborar com o desenvolvimento integral das crianças a partir de seus conhecimentos pedagógicos e das artes circenses. Como são crianças muito novas, a aprendizagem do circo propriamente dita ainda é mais rasa se comparada a outras faixas etárias, tendo maior foco no desenvolvimento motor e nas habilidades fundamentais⁵. A professora pôde perceber tais questões a partir de suas experiências com o circo e com as suas observações em aula.

Além disso, ela ressalta que o movimento envolvido no processo de ensino e aprendizagem das artes circenses trazem liberdade e criatividade, ampliando o conhecimento e as possibilidades de imaginação das crianças. A pedagoga considera como importante que os/as docentes tenham a oportunidade de aplicar a Pedagogia em um ambiente artístico, extrapolando a sala de aula. Assim como seria necessário levar a arte circense para as escolas. A partir do respeito e do cuidado com o/a educando/a, pode-se compreender seus anseios, opiniões, medos e vontades, permitindo que o circo seja uma forma de expressão e de desenvolvimento.

⁵ Apesar de não ser a discussão do artigo nomear a formação considerada apropriada para se trabalhar numa escola de circo, algo que tem muitas vertentes, cabe registrar sobre a formação do/a licenciado/a em Educação Física como aquela que tem como cerne o Desenvolvimento motor, a Didática, a Cinesiologia/Fisiologia dos exercícios e organização das práticas corporais para análise de pesquisas futuras sobre o tema.

Essa comunicação com as crianças mostrou-se capaz também de romper barreiras e minimizar dificuldades encontradas nas aulas. Foi possível perceber que a partir de referências como Paulo Freire, Montessori e Emmi Pikler, a pedagoga planeja suas aulas, considerando seus objetivos de ensino e traçando alguns aspectos importantes de serem trabalhados em conjunto com as crianças. Os novos conhecimentos adquiridos pelas crianças podem ser aplicados dentro e fora da escola de circo.

A partir deste estudo de caso, pode-se perceber como o circo é uma importante forma de expressão, capaz de dialogar com diversas áreas do conhecimento. Observou-se também que o conhecimento pedagógico auxilia a melhorar o planejamento, a avaliação, os parâmetros de desenvolvimento e diagnóstico das aulas. Mas que o conhecimento específico em circo é essencial para a prática e para o processo de ensino-aprendizagem dos educandos.

Dessa forma, entende-se ser necessário mais estudos para melhor compreender a atuação docente e as fontes do conhecimento pedagógico no ensino de circo. E espera-se que esta pesquisa possa colaborar com outros estudos focados no desenvolvimento infantil, na Pedagogia, nas artes circenses, na Educação Física, entre outros. Além de contribuir com as aulas de educadores/as e com estudos que relacionam essas duas áreas. Afinal, percebe-se que o Circo, em conjunto com a Pedagogia, é capaz de colaborar com a realização de uma educação com sentido, ludicidade e que auxilie no desenvolvimento do aluno como um todo, favorecendo o trabalho da autoestima e da confiança das crianças desde cedo.

Referências

ALMEIDA, Ordália Alves; MELIM, Ana Paula Gaspar. A abordagem de Emmi Pikler: olhares sobre contextos educativos para bebês e crianças pequenas. **Revista Entreideias**, Salvador, v. 8, nº 2, p. 95-110, maio/ago, 2019.

BARDIN, Laurence. **Análise de Conteúdo**. 1ª ed. São Paulo: Edições 70, 2016.

BARROS, Vera. **Educação e ludicidade: práticas e possibilidades em contextos não formais**. São Paulo: Editora Educação, 2005.

BORTOLETO, Marco Antônio Coelho (orgs.). **Introdução à pedagogia das atividades circenses**. 1ª ed. São Paulo: Fontoura, 2008.

BOLOGNESI, Mario Fernando. O circo e a formação em artes cênicas. In: BORTOLETO, M.A.C; ONTAÑÓN, T.; SILVA, E. (orgs.). **CIRCO: Horizontes educativos**. São Paulo: Autores Associados Ltda, 2016. p. 27-36.

SCIAS.Arte/Educação, Belo Horizonte, v.18, n.1, p.32-49, jan./jun.2026

BORTOLETO, M.A.C; PINHEIRO, P.H.G.G; PRODÓCIMO, E. **Jogando com o circo**. 1ª ed. São Paulo: Fontoura, 2011.

CAMARGO, M. R. R. M. de; SOMME, M. I. A arte como fomentadora do desenvolvimento humano: um estudo com adolescentes de Mogi Mirim/SP. In: BORTOLETO, M.A.C; ONTAÑÓN, T.; SILVA, E. (orgs.). **CIRCO: Horizontes educativos**. São Paulo: Autores Associados Ltda, 2016. p. 169-187.

CAMBI, F. **História da pedagogia**. São Paulo: UNESP, 1999. 531 p.

CIRILLO, Francesco. **A Técnica Pomodoro: O Sistema de Gerenciamento de Tempo Aclamado que Transformou a Nossa Forma de Trabalhar**. 1ª ed. Nova York: Crown Publishing Group, 2018.

DUPRAT, Rodrigo Mallet. Notas sobre a formação circense no Brasil: do circo de lona às escolas especializadas. In: BORTOLETO, M.A.C; ONTAÑÓN, T.; SILVA, E. (orgs.). **CIRCO: Horizontes educativos**. São Paulo: Autores Associados Ltda, 2016. p. 63-81.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 56ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2018.

GODALL, Teresa. Movimiento libre y entornos óptimos. Reflexiones a partir de un estudio con bebés. **Revista Reladei**, v. 5, nº 3, Monográfico Pikler Lökzy, España, p. 79-90, septiembre 2016.

LEME, Vanessa Barbosa; DEL PRETTE, Almir; DEL PRETTE, Zilda Aparecida Pereira. Habilidades sociais, psicologia positiva e educação: contribuições para a promoção de competências socioemocionais na escola. **Psicologia Escolar e Educacional**, v. 20, nº 1, p. 5-14, 2016.

LUCKESI, Antônio C. G. da Costa. **Ludicidade e Educação**. 1ª ed. São Paulo: Cortez, 1998.

MARCO, Ademir de. Circo, desenvolvimento e educação infantil. In: BORTOLETO, M.A.C; ONTAÑÓN, Teresa; SILVA, Erminia (orgs.). **CIRCO: Horizontes educativos**. São Paulo: Autores Associados Ltda, 2016. p. 189-208.

MONTESSORI, Maria. **Pedagogia científica: a descoberta da criança**. São Paulo: Livraria Editora Flamboyant, 1965.

OLIVEIRA, Zezo. Escola Nacional de Circo: desafios na gestão de um espaço cultural público de formação profissional. In: BORTOLETO, M.A.C; ONTAÑÓN, T.; SILVA, E. (orgs.). **CIRCO: Horizontes educativos**. São Paulo: Autores Associados Ltda, 2016. p. 37-61.

ONTAÑÓN, Tereza. O circo e sua contribuição para a educação escolar. In: BORTOLETO, M.A.C; ONTAÑÓN, T.; SILVA, E. (orgs.). **CIRCO: Horizontes educativos**. São Paulo: Autores Associados Ltda, 2016. p. 133-151.

PIROZZI, Giani Peres. Pedagogia em espaços não escolares: qual é o papel do pedagogo? **Revista Educare**, v. 1, nº 2, p. 35-50, 2014. Disponível em: <[PEDAGOGIA EM ESPAÇOS NÃO ESCOLARES: QUAL É O PAPEL DO PEDAGOGO?* Pedagogy in non-scholar places: what is the role of the Educator? - PDF Free Download \(docplayer.com.br\)](#)>. Acesso em: 15 jul 2024.

ROSO, Carlos Aparicio. Sobre el equipamiento Pikler. **Revista Reladei**, v. 5, nº 3, p. 126-128, septiembre 2016.

SHULMAN, Lee S. Conhecimento e ensino: fundamentos para a nova reforma. **Cadernos Cenpec**. São Paulo, v. 4, nº 2, p. 196-229, dez 2014.

SILVA, Erminia. Aprendizizes permanentes: circenses e a construção da produção do conhecimento no processo histórico. In: BORTOLETO, M.A.C; ONTAÑÓN, Teresa; SILVA, Erminia (orgs.). **CIRCO: Horizontes educativos**. São Paulo: Autores Associados Ltda, 2016. p. 7-26.

TARDIF, Maurice. **Saberes docentes e formação profissional**. 12ª Edição. Rio de Janeiro: Editora Vozes, 2011.

VIEIRA, Daniela S. O.; SCHMITZ, Marcelo; CORDOVA, Felipe P. Uso de dispositivos eletrônicos e saúde mental de adolescentes: uma revisão da literatura. **Revista Brasileira de Crescimento e Desenvolvimento Humano**, v. 29, nº 2, p. 173-182, 2019.

VASCONCELLOS, Celso dos S. **Planejamento: projeto de ensino-aprendizagem e projeto político-pedagógico**. 10ª edição. São Paulo: Libertad, 2002.